

A última trincheira dos queixadas da Mata Atlântica

Categories : [Olhar Naturalista](#)

Queixadas pertencem à família Tayassuidae, um grupo superficialmente similar aos porcos, dos quais são parentes tão próximos como nós somos dos babuínos. Os primeiros Tayassuidae são representados por fósseis de 34 milhões de anos do sudeste da Ásia, com registros posteriores na Ásia, África e Américas.

Entretanto, não colonizaram a América do Sul até que esta deixou de ser uma ilha e se conectou à América do Norte, há cerca de 3 milhões de anos. Hoje, os Tayassuidae são exclusivamente americanos, com três espécies reconhecidas (podem haver mais, segundo as evidências genéticas).

O queixada *Tayassu pecari* ocorria originalmente do sul do México ao norte da Argentina. Uma espécie muito sociável e inteligente, vive em grupos que, historicamente, podiam ter centenas de indivíduos. Essas hordas fazem arrastões pela floresta comendo frutos, sementes e pequenos animais no solo, que é revirado no processo.

[Clique para ampliar](#)

Devido ao tamanho dos grupos, estes perambulam por áreas que podem ser extensas, rastreando recursos como palmeiras e derrubando seus frutos. Essa atividade de predação/dispersão de sementes e a perturbação do solo e sub-bosque fazem com esses animais sejam engenheiros que ajudam a moldar e diversificar o ecossistema.

Guardadas por machos adultos agressivos que fazem um cordão de segurança ao redor de fêmeas e filhotes, as grandes varas são um mecanismo de defesa eficiente contra predadores como onças-pintadas e pumas. Mas não contra humanos, desde os armados com flechas e bordunas até aqueles com armas de fogo.

A caça fez com que os queixadas fossem extintos de vastas áreas, [incluindo grande parte da Mata Atlântica](#), onde a caça (que ainda é constante), somada à tremenda perda e fragmentação do habitat levou à extinção local a maioria dos mamíferos e aves de grande porte, hoje reduzidos a populações remanescentes aqui e ali. Restam populações de queixadas em alguns poucos lugares, como (por incrível que pareça) na Serra do Mar paulista.

Eles foram extintos mesmo em áreas protegidas, como os parques nacionais da Serra dos Órgãos e, vergonhosamente, no do Iguaçu, onde caçadores comerciais agiram livremente, pois a preocupação maior do parque foi antes com o turismo do que com a biodiversidade. Paradoxalmente, há mais bichos nas áreas visitadas (e com gente olhando) do que nas “intangíveis”.

Além da perda de uma espécie importante na dinâmica da vegetação, essa extinção afetou os predadores que tinham nos queixadas uma fonte importante de alimento, especialmente as onças-pintadas, reduzidas a gatos pingados na Mata Atlântica e mesmo no Iguaçu, que já abrigou população maior. Extinção deflagra um dominó ecológico.

Darwin, durante sua estadia no Rio de Janeiro em 1832, conheceu a Mata Atlântica e escreveu que “quando em terra e caminhando pelas florestas sublimes... eu sinto um deleite que ninguém que não o tenha experimentado pode compreender”. Esse é um sentimento que pesquisadores, ambientalistas e outros amantes da Natureza conhecem bem. Se pudesse ser engarrafado e vendido renderia uma fortuna.

A Mata Atlântica, que tanto inspirou Darwin, foi dizimada nos últimos 200 anos. Cerca de 90% da Mata Atlântica original e praticamente 100% das formações primárias se foram. Boa parte das florestas pelas quais Darwin viajou, entre a cidade do Rio de Janeiro e Cabo Frio, não existem mais.

Sobraram florestas vazias onde espécies continuam sendo extintas mesmo onde deveriam ser cuidadosamente protegidas, porque guardas na lanchonete do parque são mais importantes do que na floresta.

A “tradição cultural” ou a pobreza tudo justificam e nossas leis são como o rabo que abana o cachorro. Do mesmo jeito que a crônica covardia de experimentar também serve de desculpa para não se reintroduzir espécies extintas nas áreas protegidas de onde desapareceram.

Eu tive meus momentos de adrenalina e felicidade encontrando queixadas na Mata Atlântica. Sem mais seriedade e mais polícia no combate à caça, esse privilégio será cada vez mais raro.

Autor deste blog, **Fabio Olmos** é biólogo e doutor em zoologia. Tem um pendor pela ornitologia e gosto pela relação entre ecologia, economia e antropologia. Seu último livro, sobre ecossistemas brasileiros e conservação, é [Espécies e Ecossistemas](#).

Leia também

[Comendo a galinha dos ovos de ouro](#)
[Pelo Controle da Munição](#)
[Somem catetos e queixadas, onças também](#)